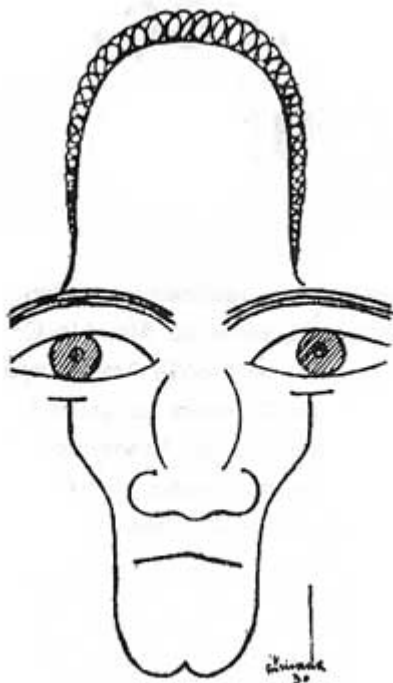


Almada: o homem que foi sempre futuro



Autoestrada do Estoril adiante, portagem paga, direção Bicesse. Vai-se andando e alguém há-de saber indicar qual é quinta de Almada Negreiros. Quando demos conta, já estávamos em Manique. Tarde soalheira. Gente à conversa no largo central. Fala-se com prazer. Todos se conhecem. Quando alguém estranho à "comunidade local" aparece, acercam-se e interrogam:

- De onde são vocês?
- Somos repórteres do *Diário de Notícias*.
- Ah!, muito bem.

Regalado ao sol, um homem de rosto cheio, sentado num banco escavado em muro antigo de pedra.

Solícito, sorridente, maneja a bengala de madeira escura em auxílio dos

automobilistas que se cruzam ali. Tem ar de quem conhece palmo a palmo estes sítios.

– Por favor, sabe dizer-nos onde é a quinta do pintor Almada Negreiros?

– Não sei eu outra coisa! Fui barbeiro dele tantos anos!

E logo as palavras fazem jus às cerejas. Um atrás das outras qual a mais gostosa.

À nossa frente, Carlos Roquete, de 75 anos, metido num espartilho, por via da coluna.

Os olhos dançam-lhe ao ritmo das lembranças. «Era uma pessoa simples, o senhor pintor. Pedia sempre um *corte à inglesa curto*. Tinha um cabelo rijo. Mas eu sabia dar-lhe o jeito. E também cortava o cabelo ao menino. Já é um homem, arquiteto. E recordo-me bem da filha do senhor Almada, que morreu depois dele. E da senhora dona Sarah, que também pintava, era uma casa de artistas.»

Carlos Roquete, camisola de losangos castanhos, meias a condizer, boné de xadrez miudinho, sapatos pretos. Barbeiro em Manique de Baixo há 58 anos.

Remexe a memória, gostosamente:

– O senhor Almada era uma pessoa bem disposta. Tinha a vida das pinturas, mas vinha até à rua dar falas à gente. Fazia todos os anos duas ou três pipas de água-pé para os amigos, lá na quinta.

– E onde fica a quinta?

– Já passaram por ela. Virem para trás e sigam a eito. É perto. Vão devagar e hão-de ver um moinho de vento. Tem um muro alto, mas o moinho vê-se. Chama-se Quinta da Lameirinha.

Encontrámo-la em poucos minutos. Do muro alto havia sardinheiras a espreitar.

«Assim, inteiro; sem adjetivos, só de uma peça: um homem!»

O portão grande estava aberto. Ao dobrar da estrada não procurávamos o jardim das margens do Imbrasmus, mas sim a quinta, a do espaço insondável das musas, a do sonho, da semente e do real. A da natureza e das confidências. A de Almada a *destapar os olhos do universo do indivíduo*.

A Quinta da Lameirinha, com três moinhos de vento, em Bicesse; a quinta onde Almada Negreiros, porventura, mais refletiu sobre a harmonia suprema da

clareza. Uma clareza que ia do chão ao pensamento, tocando a abóbada da consciência, a projetar-se mais longe, por meio da arte que vive do *infinitamente pequeno ao infinitamente grande*. Pela arte que foi um todo solidário no homem nascido em S. Tomé e Príncipe, órfão de mãe aos três anos, distante do pai, e que morre aos 77, com uma idade única: «... Até hoje fui sempre futuro.» Talvez por isso, à sua última obra - o painel da Gulbenkian - deu o título: *Começar*.

Que pode traduzir, então, a memória de alguém que ousava chegar antes dos tempos com a sua mensagem estética, por intuição ou por captação dos séculos, fazendo percursos analíticos regressivos e progressivos, em simultâneo, para encontrar a unidade? Que surpreendia pela dialética, irreverência, singularidade do raciocínio, pelo *ser e saber*, mesmo entre os maiores da sua geração, como Pessoa, Amadeo ou Mário de Sá-Carneiro?

Almada anunciava: «Todos os dias faz anos que foram inventadas as palavras. É preciso festejar todos os dias o centenário das palavras.» Festejemos, pois, a sua arte de comunicar, desde o desenho ao manifesto, da escrita à pintura, do teatro à dança. Festeje-se o traço, a palavra, a poesia, o imaginário de quem fez *A Invenção do Dia Claro*, e pretendia que de si apenas dissessem:

«Olha um homem! Como se diz: olha um cão!, quando passa um cão; como se diz: olha uma árvore, quando há uma árvore. Assim, inteiro; sem adjetivos, só de uma peça: um homem!»

Isso, assim. Sem mais adjetivos, deixando a cosmogonia pitagórica respirar o quanto Almada quis que respirasse na sua obra e sentir. Deixando os andaimes geométricos, os vértices dos ângulos, as diagonais, as proporções das linhas ou a *sagrada relação* dos números serem o que Almada desejou que fossem na sua criatividade exaltante, evolutiva sem renegar-se, por *gostar de gostar*, sabendo que *o difícil não é chegar aos grandes, mas a si próprio*. «Ser o próprio é uma arte onde existe toda a gente e em que raros assinaram a obra-prima!»

Vou contar-lhe como tudo está, querido Almada

Eis o (re)encontro, na Lameirinha. Vou contar-lhe como tudo está, querido Almada. Das áleas de alecrim avista-se a casa baixa, com heras entrelaçadas. Esperam-me seu filho, José de Almada Negreiros, e sua nora, Maria José. Afáveis e discretos. Um dia lindo; cadeiras ao sol de campo. Pausa para a leitura

interrompida pela reportagem.

– Muito boa-tarde!

– Entrem, a casa é vossa.

A casa (recorda-se?) tem ao alto da porta a sua «presença artística», um pequeno painel, Almada Negreiros, e mais outra obra sua, a escassos metros no exterior, com o menino e a menina a saltarem à corda. Perto, uma cerâmica de Sarah Affonso, e, também dela, o símbolo da quinta, «bordado» de conchas. Uma casa de artistas, dissera-nos o seu barbeiro. Duas personalidades muito fortes, que se enriqueceram mutuamente, sublinha seu filho. Arte fresca, sem mistérios, a de Sarah Affonso – define-a Maria José de Almada Negreiros; Sarah, a seu lado, Almada, firme e serena, sem muito mais espaço para continuar a pintar...

Na sala, mantém-se o retrato de Sarah, por si traçado. Pontifica junto à lareira. O soalho cobre-se de alcatifa de cairo; há prateleiras cheias de cerâmicas populares, que Sarah Affonso estimava. Mais um retrato de Almada-menino (filho), assinado pela mãe-artista. Atravessando o *hall*, vê-se a banheira «cavada» abaixo do chão, revestida de azulejos brancos. E a cozinha guarda o fogão, a lenha, o perfil das noites alumiadas pelo candeeiro a petróleo, os armários antigos. Havia pão fresco sobre a mesa.

Lá permanece, também, a «casinha dos caseiros». E no lugar do estábulo ergueu-se um pequeno «refúgio», onde as suas netas, vocacionadas para a arquitetura (como o pai) se reúnem com amigos, e olham o retrato da jovem avó são-tomense, Elvira, segurando as mãos dos dois filhos que não viu crescer: o José das propostas inovadoras, pintor, dramaturgo, poeta (não gosta que lhe chamem génio, pois não, Almada?, mas foi); e António, que seguiu a carreira militar.

Sabe o que aconteceu? A sua "oficina" sofreu uma ação de despejo...

Regressámos ao campo. O seu filho guia-me (mais ao António Aguiar, máquina fotográfica em ação) pelas picadas e atalhos que Almada percorria, com rara agilidade física, corpo magro, ginasticado, direito ao seu *atelier*, a recato no outro extremo da quinta. É o tal pavilhão pré-fabricado, ido do Jardim Botânico para se tornar o seu «canto livre», na Lameirinha. Janelas por todos os lados. Só

pintava à luz do dia. De manhã ao pôr do Sol. Desenhar é que podia ser pela noite dentro.

O seu *atelier* de Bicesse, onde fez o retrato de Fernando Pessoa, em 1954, está agora superlotado. Sabe o que aconteceu? O seu filho mantinha a "oficina" de Lisboa, da Rodrigo da Fonseca, onde guardava a maior parte do seu espólio, mas sofreu uma ação de despejo. Bem que alertou e protestou, mas, qual quê? Vá de carregar tudo para a quinta.

Eis porque se não veem os pincéis alinhados, como Almada sempre tinha. O artista, no entanto, está igual, em trabalhos diversos, nos estudos dos vitrais para a Igreja de Nossa Senhora de Fátima, nos desenhos para o «Zip-Zip», nos retratos e auto retratos, pinturas, livros. Ao fundo, o traçado do retábulo da Batalha, a partir do qual admitiu que os Painéis de S. Vicente se destinavam àquele mosteiro.

É o seu «todo» que sentimos ali. O grito agudo da liberdade. A sua capacidade de abstração. A sua entrega à arte, a grande jornada. Seu filho conta-me as batalhas de índios e corridas de cavalos pela quinta, com outras crianças; invadiam-lhe o *atelier* e logo se esgueiravam, sem que o pintor se desviasse do seu «jogo» criativo. «Só quando ouvia um barulho mais estranho, perguntava: *Caiu alguém? Partiu-se alguma coisa?* E voltava às tintas, aos pincéis, aos lápis, com uma presença de espírito admirável, uma cabeça espantosamente organizada».

Já estão floridos, os abrunheiros!

Chega a despedida. Não sem olhar uma árvore enorme que tombou ao lado do seu «mundo». Mas de tal maneira se desprende da terra, que mais parece uma personagem dos seus quadros, corpo alongando-se, em arco, até a cabeça se inclinar, meditativa. Vontade de seu filho: deixá-la como está.

E outro olhar aos abrunheiros que Sarah plantou tão pertinho do seu *atelier*. Já estão floridos, calcule! Não resisti a tocá-los.

Todo o chão da Lameirinha parece um tapete de trevos. E tive um medo: o de pisar alguma flor, das muitas que desabrocham das veias da terra, amarelas, azuis, brancas. Medo, porque me abanou o eco deste seu pensar: «Desde que um dia vi uma flor pisada no meio do chão, pensei, pela primeira vez, que há,

afinal, quem não sabe por onde é que anda! E seja o que for, uma flor ou outra qualquer coisa, e que tenha sido mal aproveitada, é a maior dor do mundo inteiro. Se eu tivesse um jardim, e fosse propriedade minha, à entrada punha este aviso: apenas tem o direito de colher uma flor aquele que for capaz de morrer com ela!»

Almada. O homem «assim, inteiro» que nasceu com a idade eterna do futuro.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*

Entrevista com José de Almada Negreiros (Filho)

LER

http://www.casaldasletras.com/maria_Grandes%20Entrevistas.html